



VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA ABORDAGEM DE ESCUTA E DIÁLOGO VIVENCIADAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Rosimar Domingues Valério Costa¹
Dener Rezende dos Santos²
Míriam Cândida da Silva Montagnoli³
Natalina Francisca Mezzari Lopes⁴

INTRODUÇÃO

Este é um relato acerca da experiência de iniciação à docência por meio do Programa Residência Pedagógica em Pedagogia (PRP), desenvolvido no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)⁵. Cuja abordagem contribuiu para refletir sobre a violência escolar dispondo dos recursos da Comunicação não-violenta (CNV) conforme apresentada por Rosenberg (2006).

O cenário de instabilidade emocional que acomete a sociedade, atribuída às mais variadas situações cotidianas, tem influenciado nas relações pessoais, sociais e profissionais, gerando reação de violência, exclusão, discriminação e agressividade. No ambiente escolar esta decorrência não é diferente, os professores lidam diariamente com realidades sociais e individuais em salas de aulas, necessitando de práticas pedagógicas diferenciadas para construir ambientes educativos que contribuam para romper com os paradigmas socialmente construídos.

O objetivo deste relato é o de compartilhar a abordagem sobre a Comunicação *não-violenta* (CNV), conforme apresentada em livro por Marshall Rosenberg (2006), como um importante recurso para reflexão sobre as atitudes que envolvem a violência escolar. A CNV é uma forma de abordagem da comunicação que compreende as habilidades de falar e ouvir com empatia, isso, significa colocar-se na situação conflitante do envolvido para ter condições de

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranaíba – FAFIPA, rdvcosta.dfe@uem.br ;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá-PR, ra60435@uem.br ;

³ Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Maringá- PR, ra89940@uem.br ;

⁴ Professora Orientadora, Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Maringá – PR, nfmlopes@uem.br

⁵ CAPES, vinculada ao Ministério da Educação e tem como atribuição apoiar as universidades, por meio dos seus programas, e atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados brasileiros. Tem por meta elevar o nível da pesquisa científica nas diversas áreas do conhecimento e avaliar os programas e ações desenvolvidos nas universidades brasileiras.



desenvolver uma abordagem que leva a resolução do conflito, incentivando mudança de postura emocional e relacional. Para isso, a CNV propõe uma mediação guiada, com um conjunto de ferramentas e elementos que ajudam numa comunicação mais afetiva, com compaixão e empatia, promovendo sensação de bem-estar e melhorando as relações sociais.

Devido à pandemia por Covid-19, o programa ocorreu de forma remota, via *Google Meet*, obedecendo às normas sanitárias. Seguindo o programa aprovado pela Capes, organizado com dois encontros virtuais semanais: um com as preceptoras, pedagogas das escolas e o outro encontro com todos os residentes das três escolas-campo, sob a coordenação da docente orientadora. Entre as atividades, desenvolvemos materiais pedagógicos que foram utilizados pela preceptora com os alunos ou por nós aplicados como docência com os estudantes da escola, sob a supervisão das preceptoras. Já nos encontros coletivos desenvolvemos estudos que contribuíram para refletir sobre as práticas políticas, pedagógicas e relacionais que estão presentes na escola nas mais variadas maneiras.

A violência na escola é um problema que se mostra presente nas unidades educativas. Este tema considerado complexo, já tem sido estudado há muitos anos por pesquisadores como Charlot (2002) e Abramovay e Castro (2006). Para esses autores a violência escolar se trata de uma questão que precisa ser vista de vários ângulos, desde a violência que ocorre dentro da escola e está atrelada ao ambiente escolar, e àquela que invade a escola por conta de fatores sociais desfavoráveis e não relacionados diretamente à escola em si.

Considerando a complexidade e amplitude de abordagem da violência escolar, sentimos a necessidade de aprofundar os estudos sobre a CNV com uma possibilidade de nos atentarmos, de forma consciente, das relações de trabalho e de ensino e aprendizagem que se realizam no ambiente escolar.

METODOLOGIA

O contato com a temática da CNV na resolução de conflitos no ambiente escolar deu-se no “momento didático-cultural” que era realizado na abertura dos encontros coletivos do Residência Pedagógica. A preceptora apresentou o tema e seus fundamentos, assim como compartilhou as vivências com seus colegas de trabalho e com os jovens e adultos do Centro de Educação de Jovens e Adultos no qual nós, também, estávamos vinculados como residentes. Diante da dificuldade de interação na escola, a nossa experiência se caracterizou pelo aprofundamento e discussão da temática acompanhado pela mediação compartilhada das vivências realizadas pela preceptora.



A primeira parte do contato com o tema da violência escolar foi por meio de levantamento bibliográfico sobre o tema a partir das palavras comunicação, violência e escola. Na base de dados *Scielo*, encontramos dezoito artigos produzidos no período de 2003 a 2020. Oito deles traziam o tema da violência na escola, mas apenas seis apresentavam reflexões sobre possíveis formas de combater ou prevenir esse tipo de violência. Dentre estes, nenhum apresentou uma estratégia bem definida de como propor o diálogo favorecedor da diminuição de atos violentos em escolas. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com recorte de 2010 a 2020, identificamos quatro dissertações das quais nenhuma problematizava com orientação de contenção ou prevenção sobre a violência escolar.

A segunda parte da experiência foi explorar os conceitos sobre a CNV, na teoria de Rosenberg (2006) em seu livro *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. As estratégias comunicativas são facilitadoras da mútua compreensão, da empatia e da resolução de conflitos por meio do diálogo e da escuta ativa, promovendo uma cultura de paz.

A terceira parte da experiência configurou-se na mediação realizada pela preceptora. Como essa teoria pode ser aplicada nos relacionamentos familiares, pessoais, educacionais, seja entre indivíduos ou entre grupos conflitantes, a pedagoga e preceptora da escola-campo, compartilhou as interações entre o falar e o ouvir com empatia, que envolveram a formação continuada de professores e, principalmente, no relacionamento do exercício das relações com os jovens e adolescentes da Educação de Jovens e Adultos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a Resolução 01/2006- CNE/CP, o egresso do curso de Pedagogia deverá, entre outras habilidades, estar apto a “reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas” (art. 5º, V). Nessa direção, entendemos que o estudo sobre a Comunicação não-violenta contribui, uma vez que o objetivo segundo Rosenberg (2006) é o de “inspirar conexões sinceras entre as pessoas de maneira que as necessidades de todos sejam atendidas por meio da doação compassiva”. O autor explica que é necessário desenvolver quatro componentes básicos que devem ser expressos de forma clara e objetiva: a *observação*, para não fazer julgamento precipitado; o *sentimento*, para entender o que sente, pensa ou interpreta naquele momento; a *necessidade*, que liga os dois primeiros atos e procura a melhor solução; o *pedido*, que é a ação concreta, de forma positiva e linguagem clara. Esses pilares são ferramentas para a resolução



de problemas e conflitos. Como destaca Rosenberg (2006 p.26) “na medida que mantivermos nossa atenção concentrada nessas áreas e ajudarmos os outros a fazerem o mesmo, estabelecemos um fluxo de comunicação dos dois lados, até a compaixão se manifestar naturalmente”, assim, contemplaremos os pilares para um bom relacionamento.

A CNV busca colocar em destaque as necessidades humanas reais, e não fictícias, que possam não estar sendo percebidas nem respeitadas, para que os conflitos sejam resolvidos. Nessa direção, Forquin (1993), afirma que:

É necessário reconhecer que, se toda a educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências crenças, hábitos, valores que constituem o que se chama de “conteúdo da educação” (p. 10).

Ele propõe uma abordagem pedagógica diferenciada que proporciona melhor interação dos professores nas boas práticas de formação para mediar as relações. Por sua vez Nóvoa (2008), defende que “a formação de professores ganharia muito se se organizasse, preferentemente, em torno de situações concretas, de insucesso escolar, de problemas escolares ou de programas de ação educativa” (p. 5). Isto porque a escola encontra-se como lugar privilegiado na produção do conhecimento, não podendo se eximir totalmente da função de educar para bons relacionamentos, tanto comunicativos pessoais, quanto profissionais.

Neste sentido, Barazzetti, Provin e Filipak (2016) afirmam que “o grande aspecto que torna este assunto de extrema importância é o entendimento do espaço, da cultura, dos costumes, do papel, do perfil e da função do outro na sociedade atual”. Tendo estes aspectos como norteadores do trabalho pedagógico as ferramentas da CNV poderão contribuir criando um clima organizacional que permita aproximação entre as pessoas e reflexão de conjunto.

A CNV tem como pressuposto condutor do diálogo o entendimento de que todos são iguais e com necessidades mútuas de respeito, cooperação, cuidados, acolhimentos entre outros. No entanto, muitas vezes não sabemos expressar nossas necessidades para os pares, dificultando assim o reconhecimento ligado ao sentimento que precisa ser trabalhado naquele momento para solucionar o conflito. Rosenberg (2006, p. 86) reforça que, “quanto mais diretamente conseguirmos conectar nossos sentimentos a nossas próprias necessidades, mais fácil será para os outros reagirem a estas com compaixão”.

Em virtude de não sermos treinados a enxergar as necessidades dos outros, independentemente do modo como se expressam, muitas vezes o conflito tende a encontrar um culpado se estendendo por longo período, podendo fazer uso de julgamentos moralizantes,



acusações que são muito comuns de ocorrerem em situações de violência escolar e não satisfazem as necessidades de ninguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O residência pedagógica, como programa federal que visa a incentivar a preparação de futuros docentes e pedagogos na graduação, oportuniza reflexões teórico-práticas por meio da inserção desse estudante universitário no ambiente escolar, de modo a ampliar sua capacidade de relacionar as teorias diversas com a prática educacional e gestora da escola. Diante das dificuldades impostas pela pandemia, o programa se deu por meio virtual com encontros semanais, para estudos, interações reflexões, compartilhamento e busca de superação das angústias geradas pelo momento.

A violência é uma realidade presente na sociedade em geral incluindo a escola e a família. É, portanto, um problema que necessita de uma atenção cuidadosa. Conhecer uma forma de comunicação facilitadora da mútua compreensão, da empatia e da resolução de conflitos por meio do diálogo e da escuta ativa contribuiu para a nossa formação e relações incluindo as desenvolvidas entre nós durante o programa. A CNV, conforme aprendemos com Rosenberg (2006) não consiste numa fórmula preestabelecida, antes, ela se adapta a várias situações e estilos pessoais e culturais. Para aproximar das vivências, a preceptora relatou suas experiências com o uso da CNV em seu contexto profissional mostrando o quanto foi determinante para o apaziguamento de diversos conflitos, tornando possível ouvir e perceber as necessidades dos alunos, dos professores e funcionários da instituição, gerando condições emocionais para as aprendizagens, para estudar ou para ensinar.

Aprendemos com Vygotsky (2003) que as crianças aprendem a ter hábitos culturais no meio social em que estão inseridas. Em tempos de polarização, acreditamos na necessidade da apropriação de conteúdos que auxiliem e deem suporte para intervir com empatia e afetividade nas interações entre os indivíduos na escola e que abrangem a família. E nesse sentido, nos vem à mente o que diz Ostetto (2008): “há, no reino da prática pedagógica e da formação de professores, muito mais que domínio teórico, competência técnica e compromisso político. Lá estão histórias de vida, crenças, valores, afetividade, enfim, a subjetividade dos sujeitos implicados” (p. 128).

Por fim, essa experiência nos motivou e nos proporcionou compreender que formar para a cidadania, ou seja, para a capacidade de intervir na realidade, de transformar o espaço social que vivemos, de nos transformarmos para transformar o meio em que vivemos passa



necessariamente pelo diálogo e pela afetividade. Tema esse, que tanto nos exortou e exorta o patrono da nossa educação brasileira: Paulo Freire.

Palavras-chave: Comunicação não-violenta; formação de professores; gestão escolar.

REFERÊNCIAS

BARAZZETTI, V. R.; PROVIN, W. A. M. da S.; FILIPAK, S. T. A estreita relação entre a comunicação efetiva e a gestão democrático-participativa. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 166–184, 2016. DOI: 10.22633/rpge. V. 20. n. 9456. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9456> . Acesso em: 7 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Res. CNE/CP 01/2006, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. Edital nº 1/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/06012020-edital-1-2020-residencia-pedagogica-pdf> . Acesso em 07. jul. 2021.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, n.8, ano 4, jul./dez. 2002. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em 07 de jul. 2021.

FORQUIN, J. Claude. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NÓVOA, A. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, M.; LESSARD, C. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

OSTETTO, L. E. Estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 127-127-138.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]**. – São Paulo: Agora, 2006.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.